

UM OLHAR PARA AS QUESTÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A LOOK AT GENDER ISSUES IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Mateus Gomes de Loureiro Alves¹ - Universidade Federal Fluminense. *Professor do curso de Educação Física da UNIFESO*

RESUMO

Este trabalho se constitui como uma pesquisa no campo das narrativas e nos estudos sobre gênero e sexualidade na educação, através da teorização pós-crítica e pós-estruturalista. Traçamos como objetivo compreender de que forma as professoras abordavam os conteúdos de suas aulas na busca da igualdade de oportunidades, problematizando, especificamente, a questão da imposição/dominação masculina nas aulas de Educação Física. Foram realizadas entrevistas/conversas com professoras de Educação Física da Prefeitura Municipal de Seropédica, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, no período de 2020 a 2022. Por acreditar numa perspectiva organizada a partir das relações mais horizontais e colaborativas entre os sujeitos que fazem parte do processo investigativo de produção de conhecimento científico – pesquisadores e professores –, optou-se pela metodologia das pesquisas narrativas. A partir da textualização, puderam-se destacar alguns pontos sensíveis à pesquisa que foram organizados em temas para serem aprofundados. Conversar com as professoras, fazendo um diálogo entre as experiências, trouxe grandes contribuições para pensarmos o campo da Educação Física e as estratégias teórico-metodologias que compreendam as diferenças e que promovam o respeito e a igualdade nas aulas, sobretudo em relação aos currículos e normativas que regulam/impõem quais conteúdos são necessários. O trabalho revela que o caminho para diminuir a desigualdade passa por uma postura investigativa que valorize os saberes docentes, que oportunize espaços de locução e diálogo, tendo em vista uma Educação Física contra-hegemônica. A formação continuada para o/a professor/a e o apoio da equipe pedagógica foram apontados como pontos importantes para avançarmos nessas temáticas.

Palavras-chave: Narrativa; Gênero; Currículo cultural; Educação Física.

ABSTRACT

This work constitutes research in the field of narratives and studies on gender and sexuality in education, using post-critical and post-structuralist theorizing. Our objective was to understand how teachers approached the content of their classes in pursuit of equal opportunities, specifically problematizing the issue of male imposition/domination in Physical Education classes. Interviews/conversations were conducted with Physical Education teachers from the Municipality of Seropédica, in the metropolitan region of the State of Rio

¹ Mestre em Educação – Universidade Federal Fluminense (UFF) 2023. Função que desempenha e Instituição a que está vinculado (SIGLA), cidade, estado, país. Endereço para correspondência: Rua/Av., número, complemento, bairro, cidade, estado, país, CEP: 00000-000. ORCID: <http://orcid.org/0000-0000-0000-0000>. E-mail: loureiomateus@gmail.com. (tive dúvida no preenchimento)

de Janeiro, from 2020 to 2022. Because we believe in a perspective organized based on more horizontal and collaborative relationships between the subjects involved in the investigative process of scientific knowledge production—researchers and teachers—we chose the narrative research methodology. Based on textualization, some sensitive points of the research were highlighted and organized into themes for further exploration. Talking with teachers and establishing a dialogue between their experiences provided significant insights into the field of Physical Education and the theoretical and methodological strategies that embrace differences and promote respect and equality in classrooms, especially regarding curricula and regulations that regulate/impose required content. The work reveals that reducing inequality involves an investigative approach that values teaching knowledge and provides opportunities for expression and dialogue, aiming for a counter-hegemonic Physical Education. Continuing teacher training and support from the teaching staff were highlighted as important factors in advancing these issues.

Keywords: Narrative; Genre; Cultural curriculum; Physical Education.

INTRODUÇÃO (OU CONSIDERAÇÕES INICIAIS)

Este estudo incide sobre os relatos e narrativas de professoras atuantes na Prefeitura Municipal de Seropédica, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, no período de 2020 a 2022, local este em que atuei como docente desde o ano de 2016 a 2023, se constituindo no campo das pesquisas narrativas e dos estudos sobre gênero.

Buscou-se na teorização pós-crítica e pós-estruturalista, nos estudos sobre gênero e sexualidade, a fundamentação para a pesquisa, que apresenta alguns conceitos como o de poder e o discurso de Foucault (1995a; 1995b; 1996), de performatividade de Butler (2003), além de pensar a heteronormatividade e masculinidade hegemônica no campo educacional com Louro (2003) e Connell (1995), entre outros/outras que fomentam este debate.

No desenvolvimento da pesquisa professoras de Educação Física narraram suas experiências práticas escolares relacionadas às questões de gênero, que são atravessadas pelas suas histórias de vida.

Procurei compreender de que forma abordavam os conteúdos de suas aulas na busca da igualdade de oportunidades a todos, problematizando, especificamente, a questão da imposição/dominação masculina, que pode proporcionar um ambiente androgenizado.

Esse comportamento corrobora para um afastamento daqueles que não acreditam se encaixar no padrão esperado para tais aulas, seja por uma questão estética, motora ou pela representação construída sobre gêneros e sexualidades na sociedade.

Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender as relações entre as masculinidades e as feminilidades que emergem nas aulas de Educação Física e o papel do/da professor/a na efetivação de uma aula que atenda às diferenças, ou seja, na busca da equidade de participação entre todos/as os/as alunos/as independentemente do gênero e sexualidade, tendo em vista que:

De acordo com Louro (2003, p. 21),

[...]Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental.

Dessa forma, se torna possível contestar as justificativas criadas para manter as desigualdades sociais entre homens e mulheres, normalmente relacionadas às características biológicas entre ambos, sejam revestidas por uma linguagem científica ou no âmbito do senso comum, remetendo a cada um desempenhar um papel, acreditando ser o único argumento plausível e inquestionável, o que na verdade só reforça e tenta justificar a desigualdade social (LOURO, 2003)

No campo da Educação Física escolar, destacou-se os autores/as que pesquisam sobre a temática de gênero e sexualidade, como Louzada e Devede (2017), Altmann (1998) e Brito (2018). Seus estudos apresentam dados importantes para uma melhor compreensão de como ocorre, em lócus, essa possível tentativa de domínio entre gêneros, podendo aparecer através de falas machistas (ou até mesmo sem que se precise falar nada, apenas por gestos e atitudes), generificantes ou excludentes² daqueles que não se enquadram em um modelo específico de masculinidade e de feminilidade.

2 Trato a inclusão/exclusão a partir de uma perspectiva *ominilética*, como termos que possuem uma relação dialética.

Apoiado nesses autores/as, buscou-se pensar estratégias teórico-metodológicas de ruptura de perspectivas opressoras nas aulas, buscando, assim, fazer um diálogo com algumas propostas como a coeducação com Auad (2004), e, principalmente, com o currículo cultural (Educação física cultural) de Neira (2019).

JUSTIFICATIVA

Vários aspectos podem surgir nas aulas, como a agressividade, o bullying, a homofobia, o machismo, o racismo, etc., e, o refletir sobre a participação dos/das alunos/alunas e as formas como se colocam em relação uns aos outros, como se percebem nas aulas, como se arriscam nas práticas corporais, foi ponto de partida para a investigação, algo que era latente, cotidiano, chegando à conclusão de que a minha pesquisa deveria caminhar pelo campo dos estudos de gênero.

A baixa participação, principalmente no ensino médio e no segundo segmento do ensino fundamental, foram onde essas inquietações me surgiram de forma mais acentuada. Essa não participação, exclusão ou autoexclusão que percebo em parte dos/das alunos/alunas, na forma de uma participação “mascarada”, pode se dar por inúmeros motivos, mas, no meu ponto de vista, um deles necessita de especial atenção e aprofundamento, causado pelo modelo hegemônico heteronormativo que está enraizado nas escolas e no seio de uma sociedade que herdou características ocidentais conservadoras.

Além dos jogos cooperativos busquei entender mais sobre coeducação³ e, posteriormente, ampliando para a perspectiva do currículo cultural⁴, desenvolvida por Marcos Neira.

A partir desses questionamentos e enfrentamentos, achei necessário ampliar a discussão dos meus contextos, das minhas vivências, através de uma pesquisa de mestrado. Com a pesquisa teria a oportunidade em ouvir o que me falam os/as outros/as professores/professoras de Educação Física, o que seus relatos e memórias podem nos contar sobre o debate de gênero, se essa temática é também uma questão que os move, como foi para mim.

OBJETIVOS

Compreender as percepções e as crenças dos professores de Educação Física da rede municipal de Seropédica acerca das relações de gênero nas aulas a partir de suas experiências narradas.

Trata-se de uma luta em todas as áreas da vida humana, não se limitando às pessoas com deficiências. Nesse contexto, inserem-se o gênero e a sexualidade como construções sociais. (BRITTO, 2013 e SANTOS, 2009)

- 3 A coeducação é “um modo de gerenciar as relações de gênero na escola, de maneira a questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino. Trata-se uma política educacional, que prevê um conjunto de medidas e ações a serem implementadas nos sistemas de ensino, nas unidades escolares, nos afazeres das salas de aula e nos jogos e nas brincadeiras dos pátios. (AUAD, 2021, p.79)
- 4 O currículo cultural da Educação Física pretende borrar fronteiras, conectar manifestações dispersas e promover a análise e o compartilhamento dos seus significados. Parte do princípio de que se a escola for concebida como ambiente adequado para discussão, vivência, ressignificação e ampliação da cultura corporal, será possível almejar a formação de cidadãos que identifiquem e questionem as relações de poder que historicamente impediram o reconhecimento das diferenças. Afinal, em uma sociedade democrática é importante indagar por que determinados esportes, brincadeiras, danças, lutas ou ginásticas são tidos como adequados ou inadequados (NEIRA, 2018 p.9).

Objetivos Específicos

- Identificar como as práticas nas aulas de Educação Física podem contribuir para a igualdade nas relações de gênero nas aulas, sob a perspectiva dos docentes.
- Comparar os relatos obtidos nas entrevistas com o aporte teórico-conceitual.
- Analisar de que forma os docentes promovem a questão da igualdade de gênero nas suas aulas.
- Identificar quais são os maiores desafios existentes na Educação Física escolar, tendo em vista uma proposta ampliada de currículo, que atenda a diversidade e a multiculturalidade. seguinte forma de apresentação da referência.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os estudos de gênero tiveram seu princípio a partir do “sufragismo” na virada do século, movimento voltado para estender o direito do voto das mulheres. Com a amplitude inesperada do movimento sufragista, se alastrando por diversos países ocidentais, passou a ser reconhecida posteriormente como a “primeira onda” do feminismo, mesmo que no momento estivessem ligados mais diretamente aos interesses das mulheres brancas e de classe média (LOURO, 2003). No fim dos anos 1960, além das preocupações políticas e sociais em relação aos direitos das mulheres, o feminismo se volta também às construções propriamente teóricas, sendo conhecido como a “segunda onda”.

No entanto, a Educação Física só passou a refletir sobre os estudos de gênero junto à efervescência política das décadas de 1970-1980 e os movimentos feministas, negando o argumento biologicista que era tido como justificativa para a exclusão das mulheres na Educação Física e nos desportos. A produção de conhecimento referente a temática se acentuou após a década de 1980, com o surgimento dos primeiros programas de Pós-Graduação Stricto-Sensu (DEVIDE et al; 2011).

O termo gênero, segundo Goellner (2005), desestabiliza a noção de um determinismo biológico, acreditando que homens e mulheres se constroem masculinos e femininos por suas diferenças corporais, e que por tais diferenças justificam as desigualdades, determinam para cada um atribuições, funções sociais distintas e os papéis sociais de cada um, logo, não temos um gênero ontologicamente fixo⁵.

Abordar a temática do gênero nas aulas de Educação Física ainda passa por questões de imposição, de poder⁶ e domínio nas relações, o que não é recente, mas cotidiano e histórico, configurando-se em um problema comum enfrentado por professores/as e alunos/

5 Não existe um gênero ontologicamente fixo, e mesmo aqueles que parecem fixos, têm de ser fixados mais de uma vez, todos os dias, todas as noites, para dizer o mínimo. Assim, sugiro que não há gênero sem essa reprodução de normas que corre o risco de desfazer e refazer as normas dominantes de maneiras inesperadas, abrindo a possibilidade de refazer a realidade de gênero diante de novas linhas. Deste modo, o gênero é contínuo, aberto à revisão, em risco para um futuro diferente (BUTLER, 2017, p. 37-38).

6 Para Foucault, as relações de poder se enraizaram no conjunto da rede social. O poder acontece de múltiplas formas e existem diferentes formas de poder, e isso não significa que haja um princípio de poder, primeiro e fundamental, que domine até o menor elemento da sociedade. Devemos levar em consideração as múltiplas formas de disparidade individual, de aplicação do poder sobre nós e sobre os outros, de institucionalização mais ou menos setorial ou global, com organização mais ou menos refletida. Logo, “o exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra: ele se elabora, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados” (FOUCAULT, 1995, p. 247).

as nas quadras e ginásios escolares, reproduzindo-se nas atividades corporais coletivas. O poder não tem uma centralidade, devemos observar o poder sendo exercido em muitas e variadas direções, como uma rede, “capilarmnete”, que se constitui por toda a sociedade, como se fosse uma estratégia e não algum um privilégio que alguém detém. Por isso, devemos ter um pensamento plural sobre o gênero, buscando analisar as representações sociais, se afastando de argumentos biológicos e culturais da desigualdade, que tratam o masculino como ponto referencial, rompendo pensamentos dicotômicos entre feminino/masculino que tratam esses dois gêneros como antagônicos (LOURO, 2003).

METODOLOGIA

Recorri à metodologia da pesquisa narrativa⁷ com as conversas, por acreditar numa perspectiva organizada a partir das relações mais horizontais e colaborativas entre os sujeitos que fazem parte do processo investigativo de produção de conhecimento científico – pesquisadores e professores.

Dessa maneira, o embasamento teórico-metodológico no campo das pesquisas narrativas e os autores que estudam as narrativas no campo educacional, como Goodson (1995, 2007), Suárez (2003, 2007), Connelly e Clandinin (2006) apud Ribeiro e Batista (2015) e Santos (2009), Ribeiro, Sampaio, Souza (2016), sustentarão o posicionamento crítico e epistemológico adotado neste estudo, como também indicarão que caminhos a pesquisa percorrerá.

Esse caminho de pesquisa tem por base a experiência humana materializada em histórias do cotidiano. As histórias são comuns entre as pessoas, uma vez que, com frequência, contamos acontecimentos sobre nós mesmos e sobre terceiros. Segundo os autores, é através desse contar e recontar que os seres humanos constroem sentidos para o mundo e para a existência. As experiências de vida são o fenômeno estudado pela pesquisa narrativa, pois é através delas que aprendemos sobre como as pessoas vivem sua experiência e como compõem os sentidos delas (CONNELLY e CLANDININ, 2006)

A entrevista/conversa não teve um roteiro pré-definido, não teve perguntas fechadas nem “obrigatórias”, mas guias para as quais dei o nome de orientações, com o intuito de fazer fluir, estimular e potencializar as conversas, e a partir do que emergiram as conversas e foram se estabelecendo os sentidos.

No decorrer deste processo, percebi certa diferença na participação entre as docentes (participantes do primeiro encontro), nas suas experiências e no contar sobre as questões de gênero. Como o objetivo era travar um diálogo específico, mais aprofundado, acabei considerando mudar um pouco o rumo, de uma conversa com os/as professores/as do primeiro encontro, e manter a segunda etapa individual da pesquisa concentrada em apenas uma professora, a Marcela, pelo fato de dominar mais a temática de gênero e sexualidades e por ter uma maior disponibilidade.

Sua narrativa, composta por tudo o que foi dito nos nossos dois encontros, textualizada e feitas as considerações necessárias, serviram de material empírico para dialogar a minha história com a da professora Marcela e, conseqüentemente, com as questões de gênero nas aulas de Educação Física, trazendo detalhes que possam produzir sentidos e apontar

⁷ A pesquisa narrativa busca descrever, de forma cuidadosa, os mundos escolares, as práticas educativas que são neles desenvolvidas, os sujeitos que os habitam e as produzem e as compreensões que os professores elaboram e recriam para dar conta desses mundos (RIBEIRO e BAPTISTA, 2015).

caminho para buscarmos uma aula verdadeiramente inclusiva e que respeite as diferenças. Uma conversa entre pares, profissionais da mesma rede de ensino, que compartilham experiências semelhantes no que diz respeito à comunidade de Seropédica, com características próprias e específicas.

ANÁLISES E RESULTADOS

Neste tópico abordou-se as temáticas de gênero, masculinidades, conservadorismo, exclusão, em diálogo com a narrativa o material empírico/narrativa, que é a conversa com a professora Marcela, a minha biografia/memorial, os referenciais teóricos e os objetivos da pesquisa.

Marcela é um ponto fora da curva, não se enquadra em nenhum padrão de mulher que possam querer encaixá-la. E no meu entendimento é aquilo que desejamos encontrar nas escolas e que pode/deve estar onde mais ela quiser. Ela busca desarranjar e subverter noções e expectativas. Ela tenta combater as normas regulatórias de sexo⁸.

Ela conta que:

A gente não consegue ser de um jeito em cada lugar, sou a Marcela em qualquer lugar que estou, logo, essas experiências que me constituem se tornavam aparentes.

Por isso, não é possível dissociar a nossa identidade, não dá para vestir uma capa e se tornar professor/professora, e essa diversidade é o que enriquece o fazer docente, que se trata de relações humanas e socioafetivas. A história de vida da professora Marcela, todos os desafios que enfrentou como mãe solo aos 15 anos de idade, e da forma que aconteceu a sua gestação, acabam aparecendo na sua prática docente.

Além disso, os enfrentamentos não ocorrem apenas entre alunos/alunas, mas incide sobre todos/todas que de alguma forma contrapõem formas binária de pensar os gêneros e suas performances.

Marcela foi questionada por uma série de aspectos, pela voz mais grossa, por ser musculosa, por ter tatuagens, enquanto eu, por tentar desconstruir uma visão dualista das práticas esportistas/corporais, que são tratadas de forma generificadas, como no caso do futebol que é fortemente marcado (socialmente) como algo estreitamente masculino.

Se para a professora os questionamentos aconteciam antes mesmo que ela desenvolvesse algum trabalho, apenas pela sua aparência, comigo começavam a partir do momento em que apresentava outras práticas corporais e formas diferentes de fazer Educação Física. Os alunos (a maioria de meninos) viam em mim a esperança de reproduzir seus pensamentos autoritários, machistas e excludentes. Como eu não cabia nessas suas “normas”, isso os frustrava, que passavam a desgostar de mim, pelo menos no começo. Considerando que meu “perfil”, vamos dizer assim, atendesse ao que os/as discentes imaginavam/esperavam de um professor homem de Educação Física, não causei esse estranhamento inicial. No entanto, a minha história, a maneira como fui criado, a forma que vejo a atividade física, o esporte e a competição, me fizeram conceber a docência por outra ótica, mais atenta, mais inclusiva, ou diria, menos excludente.

8 Tratam-se de normas que são constantemente reforçadas para que sua autoridade seja reconhecida, assim exercendo seus efeitos, reproduzindo normas regulatórias de gênero sob uma ótica heterossexual de *performatividade* (BUTLER, 1999).

De alguma forma, por caminhos de vida e formação tão distintos, Marcela e eu acabamos chegando ao mesmo lugar, um ponto que se tangencia, nos tornamos professores, em um mesmo município que não temos vínculos emocionais anteriores, inseridos em uma mesma rede pública de ensino, conversando sobre os desafios de ser uma/uma educador/a que tenha uma proposta educativa que compreenda a diversidade, o respeito e a equidade em uma realidade complexa que possui fortes marcas do conservadorismo. Penso que as nossas experiências anteriores ao ingressarmos no magistério trazem contribuições essenciais para a preparação destas conversas, explicam quem nós somos e os movimentos que fizemos para chegar até aqui. A consciência crítica e coletiva nos une!

Pude notar, como um ponto em comum, que o início à docência traz consigo questões que, muitas vezes, não haviam sido problematizadas antes, em outros contextos sociais. Nesse sentido, todos/todas os/as participantes da pesquisa relataram que a formação continuada foi a principal forma de complementar a graduação, de se preparar para os desafios que superam os conteúdos da nossa disciplina, através, sobretudo, da troca de experiências com amigos e amigas de profissão.

Outro ponto recorrente no diálogo com a professora foi a demarcação das práticas corporais de forma genericada, sendo necessário debater com os/as alunos/as e fazer uma crítica dessas narrativas que normatizam e impõem verdades sobre os corpos, as masculinidades e feminilidades. Essas normativas se explicam na maneira como foram definidas e estimuladas as práticas corporais, bem como, os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres ao longo da história, que reforçam uma matriz hétero.

Enquanto disciplina, fomos demarcados pelas ciências biológicas e médicas, a maior parte do tempo realizando práticas físicas de forma separadas por sexo, inicialmente nos métodos ginásticos e posteriormente nos esportes. Mesmo que as aulas tenham sido passadas de “separadas por sexo” para aulas “mistas”, mais especificamente no período em que passamos a compreender o esporte como componente, algumas de suas antigas características se mantiveram. Em vista disso, Sabo (2002) considera o esporte como um espaço estratégico para o estudo das masculinidades e das relações de gênero. As desigualdades são muito aparentes. Neste sentido,

Podemos refletir que nós professores/professoras de Educação Física precisamos lidar constantemente com as problemáticas decorrentes do que se desenvolveu no passado, que continuam se reproduzindo nas nossas aulas e que encontram polifonias em discursos conservadores, sendo bastante visível nos nossos conteúdos mais básicos. É difícil se dissociar dessa herança.

Marcela tenta desconstruir esses paradigmas, apresentando para seus/suas alunos/alunas novas formas de conceber as práticas corporais e as performatividades, deixando claro que condutas preconceituosas e excludentes não são concebíveis em uma sociedade que se diz justa e democrática.

Quando o/a professor/professora incorpora em suas aulas os conhecimentos que os/as alunos/as trazem quando entram na escola, ele/ela está os/as reconhecendo como sujeitos que carregam também saberes importantes, legítimos, que são sujeitos capazes, capacidade que se revela e se reconhece naquilo que já se sabe e potencial para se apropriar de novos conhecimentos, estes que a escola não só pode como deve fazer circular (GARCIA, 2001 apud NEIRA, 2014).

Nesse contexto, compreendo que a escola deve ampliar a sua percepção sobre o currículo e as práticas corporais que nele são necessárias, optar por um que atenda à diversidade e multiculturalidade. Um currículo multicultural busca valorizar todo o patrimônio cultural corporal da comunidade escolar, considerando suas experiências e as dando status de conhecimentos a serem tratados nas aulas. Deve compreender as características dessas práticas corporais pela percepção dos/as próprios/as alunos/alunas, possibilitando a compreensão do próprio grupo cultural. Os/as professores/professoras devem promover situações em que os estudantes consigam relacionar os seus saberes e as formas que as suas identidades se inter-relacionam com as práticas corporais. Em decorrências disso, abrem-se espaços para a diversidade de etnias, classes sociais, religiões e gêneros; os alunos, como analistas culturais, passam a perceber suas próprias experiências nesse processo (BONETTO; NEIRA, 2017).

Poderia falar, de uma maneira mais ampla, que os currículos de alguma forma tentam definir o que é certo e o que é errado a ser ensinado, eles nos limitam e legitimam quem são os “sabidos” dos que não são, dentro do seu rol de conhecimentos pré-estabelecidos por uma elite.

Tendo em vista todo esse cenário caótico é normal que nós sintamos perdidos, desorientados. Marcela relatou que “esbarrava” em muitas dificuldades na tentativa de implementar a Educação Física que reconhece válida para o futuro dos/das seus/suas alunos/alunas.

Embora Marcela tenha seus pontos de insatisfação e incertezas, o que é normal, seus esforços não têm sido em vão, e pouco a pouco, nos micros espaços, ela avança em seus propósitos e segue fazendo a diferença dentro do município. A professora conta, em um determinado momento da nossa conversa, que percebe mudanças efetivas nas meninas a partir do desenvolvimento consistente do seu trabalho, através do existo pessoal, profissional e acadêmico delas. E é sobre isso que eu defendo e que busco com essa dissertação, me inspirar e inspirar outros/outras professores a acreditarem que é possível, que podemos sonhar e disseminar as boas experiências por todos os lugares que passarmos, para isso, se calar não é uma opção. Somente juntos, podemos reverter realidades adversas, sobretudo em um município que carrega fortes características conservadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar essa pesquisa adotando um posicionamento político-epistemológico de fazer com o outro/outra, não dirigir, mas está aberto aquilo que os/as docentes querem falar sobre o tema, foi desafiador, e aos poucos a pesquisa foi ganhando forma, e a conversa se tornou uma metodologia de investigação⁹.

Uma questão que a pesquisa trouxe para refletir foi que para nós professores/as de Educação Física ainda existe uma polifonia em defesa de visões de Educação Física tradicionais, atreladas ao desenvolvimento motor, ao ensino esportivo, à promoção da saúde, à aquisição de comportamentos socioafetivos e que nós estamos constantemente expostos

9 Uma pesquisa que aposta no acontecimento da conversa como metodologia de investigação, como um golpe que desafia a polícia metodológica hegemônica, tão bem representada por questionários, roteiros, procedimentos rígidos. Ao apostar na conversa buscamos, na relação de pesquisa, abrir-nos ao acontecimento e aos possíveis que ele conjura, mesmo que isso, por vezes, possa significar a necessidade de desconstrução/reconstrução da própria investigação. (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018 p. 33)

aos regimes dessas verdades. Esta visão ganha força nas mais diversas esferas e ocupa importantes espaços de locução, como secretarias de educação, órgãos governamentais, no Conselho Federal de Educação Física, em editoras, nos periódicos científicos, e principalmente, na comunicação de massa. No entanto, saber que não estamos sozinhos, que existem outros para gritar conosco (uma outra polifonia), é o que nos motiva a continuar pensando uma Educação Física contra-hegemônica (NEIRA, 2019).

Por esse motivo, acredito que dialogar com propostas como a do currículo cultural da Educação Física são tão necessárias, como propõem Neira (2019) ao reconhecer que “o caminho para diminuir a desigualdade passa, obrigatoriamente, pela incorporação de uma postura investigativa que legitime os saberes sobre a docência elaborados pelos educadores e educadoras” (NEIRA, 2019 p.101), buscando, sempre, uma educação física que potencialize todas as formas de vida.

Dessa maneira, comecei a soltar a minha voz e deixei com que os outros/outras fizessem o mesmo, no caso da minha dissertação, apenas com professoras, aquelas que se abriam ao diálogo. Este trabalho oportunizou a autoria e o protagonismo daquelas que estão lidando diretamente com as questões de gênero e sexualidade na sociedade, muitas vezes sem preparo/amparo.

Mesmo que às vezes tudo pareça estar indo contra aquilo que defendemos, nós, professores/professoras, precisamos manter a nossa postura crítica frente às comunidades, direções, secretarias de educação e currículos, que tantas vezes tentam nos regular, não abrindo mão do nosso propósito, sob a pena de vivermos uma farsa.

Esse é o nosso grande desafio na rede municipal de Seropédica, conseguirmos ser fazer a diferença que queremos para o mundo.

Nesse sentido, se torna cada dia mais necessário pesquisas no campo educacional e que vão a campo, que valorizem os saberes docentes e que estejam comprometidas com uma Educação Física democrática, que atenda aos princípios básicos da democracia, a justiça social, o diálogo e a inclusão, questionando proposta convencionais de ensino e currículos que segregam, que excluem e que não compreendam a diversidade. Além disso, foi destacada a importância da formação continuada como uma das principais maneiras de complementar a graduação e de se preparar para os desafios que encontramos no início da docência (de uma forma mais impactante) e em toda a sua continuidade.

Quando pesquiso conversando com professoras da minha rede de ensino, estou buscando também uma maneira de promover o debate na rede, ao mesmo tempo em que ajudo, aprendo com elas.

Que este trabalho seja mais uma voz que se soma a tantas outras comprometidas com as questões de gênero e sexualidade nas escolas. Espero que as nossas vozes ecoem, que essas conversas se estendam, que germinem, que esse estudo inspire novas conversas, que não termine por aqui! Essa é uma luta de todos/todas, independentemente de estarmos sendo diretamente afetados ou não por essas normativas e regulações. Trata-se da busca por uma sociedade mais justa, igualitária e que reconheça as diferenças.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens da Educação Física**. 1998. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- AUAD, D. **Relações de Gênero nas práticas escolares: da escola mista ao ideal de co-educação**. São Paulo: USP, 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola** / Daniela Auad — 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- BONETTO, P. X. R.; NEIRA, M. G. **Multiculturalismo: polissemia e perspectivas na Educação e Educação Física**. Dialogia, São Paulo, n. 25, p. 69-82, jan./abr. 2017.
- BRITO, L. T. de, & SANTOS, M. P. dos. (2013). **Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão**. Revista Brasileira De Educação Física E Esporte, 27(2), 235-246.
- BRITO, L. T. de; SANTOS, M. P. dos. **Sexualidade e inclusão no espaço escolar: um debate com base na perspectiva omnilética**. Revista latino-americana de Geografia e Gênero, v. 9, n. 1, p. 51-71, 2018.
- BUTLER, J. **Alianças queer e política anti-guerra**. Rev Bagoas. 2017;11(16):29-49.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **“Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’**”. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. **Narrative inquiry**. In: GREEN, J.; CAMILLI, G.; ELMORE, P. (Orgs.). Handbook of complementary methods in education research. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2006. p 477-487.
- CONNELL, R. W. **Políticas da masculinidade. Educação e Realidade**, PortoAlegre, v. 20, n. 2, p. 185-206. jul./dez., 1995.
- DEVIDE, F. P. *et al.* **Exclusão intrassexo em turmas femininas na Educação Física escolar: quando a diferença ultrapassa a questão de gênero**. In: KNIJNIK, J. D.; ZUZZI, R. P. (Orgs.). Meninas e meninos na Educação Física: Gênero e corporeidade no século XXI. Jundiaí: Fontoura, 2010. p. 87-105.
- DEVIDE, F. P. *et al.* **Estudos de gênero na Educação Física Brasileira**. Motriz: rev. educ. fis. (Online) [online]. 2011, vol.17, n.1, pp.93-103. ISSN 1980-6574.
- FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. São Paulo: Forense Universitária, 1995a. p. 231-249.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir – nascimento da prisão**. 12 ed. Trad. De Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1995b. 280 p.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.
- GARCIA, R. L. **Currículo emancipatório e multiculturalismo: reflexões de viagem**. In: SILVA, T. T; MOREIRA, A. F. Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 114-143.

GOODSON, I. **Currículo, narrativa e o futuro social**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 35 maio/ago. 2007 Tradução: Eurize Caldas Pessanha e Marta Banducci Rahe. Revisão técnica: Elizabeth Macedo

GOODSON, I. F. **Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional**. In: NÓVOA, António (Org.). Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1995.

LOURO G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

LOUZADA DE JESUS, M.; DEVIDE, F. P. **Educação Física escolar, coeducação e gênero: mapeando representações de discentes**. Movimento, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006 (MATTOS, *et al.*, 2017)

NEIRA, M. **Educação Física Cultural. Inspiração e prática pedagógica**. 2019.

NEIRA, M. G. **Análise e produção de relatos de experiência da Educação Física cultural: uma alternativa para a formação de professores**. Textos FCC, são Paulo, v. 53, p. 52-103, nov. 2017.

NEIRA, M. **Cruzando fronteiras: o currículo multicultural e o trabalho com as diferenças em sala de aula**. Lantuna, v.1, n.1, jan-jul, 2014.

RIBEIRO, T.; SAMPAIO, C. S.; SOUZA, R. **Investigar narrativamente a formação docente: no encontro com o outro, experiências** Revista Roteiro. Joçaba, v. 41, n. 1, jan/abr. 2016.

SANTOS, M. P. Inclusão. In: SANTOS, M. P.; FONSECA, M.P.S.; MELO, S.C.M. (Org.). **Inclusão em Educação: diferentes interfaces**. Curitiba: Editora CRV, 2009, p. 9-21.